



PANDEMIA, NEOLIBERALISMO E EDUCAÇÃO: DESIGUALDADES NO CONTEXTO EDUCACIONAL DA REDE ESTADUAL DE MINAS GERAIS EM TEMPOS DE COVID-19¹

Bruno Geraldo Guimarães Gonçalves²

Daniela Oliveira Ramos dos Passos³

José de Sousa Miguel Lopes⁴

RESUMO

No presente artigo apresentaremos algumas considerações sobre a idealização do projeto de ensino remoto proposto pelo Governo do Estado de Minas Gerais com o objetivo de visualizar o espaço educacional que se moldou perante a pandemia da COVID-19 e das bases neoliberais que se fazem presente na sociedade brasileira, o que levou a consolidação de um aprofundamento das desigualdades sociais sobre o ambiente educacional. Para idealização deste estudo usou como base de análise a realidade educacional de uma escola da rede estadual de ensino na cidade de Papagaios tendo como referência os dados obtidos em relação à participação dos alunos da instituição nas atividades remotas propostas através dos meios digitais. Para fundamentar o estudo foram utilizados teóricos como Bardiou; Prashad e Borges e Silva. No decorrer do texto discorro sobre a questão social criada pelo neoliberalismo durante a pandemia, sobre o abismo social forjado pela conjuntura pandêmica no que diz respeito ao acesso à educação e sobre o modelo de ensino remoto instituído no estado de Minas Gerais e seu funcionamento diante a vivência escolar e social dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: PANDEMIA. NEOLIBERALISMO. ENSINO REMOTO.

Introdução

“Essa noite eu tive um sonho, de sonhador, maluco que sou eu sonhei com o dia em que a Terra parou [...]. Foi assim, no dia que todas as pessoas do planeta inteiro resolveram que ninguém ia sair de casa [...]”. São trechos da canção *“O dia que a Terra parou”* de Raul Seixas, gravada em 1977 no álbum de mesmo nome e 43 anos após o lançamento desta canção talvez o artista baiano não soubesse, mas ele acabava de fazer uma previsão, pois a terra parou em um ano que um vírus se fez presente e fez com que a humanidade observasse com outros olhos o seu redor e todas as suas dinâmicas, Raul Seixas tinha razão, em 2020 as pessoas que vivem no planeta Terra “pararam” quando uma pandemia chegou, a da COVID-19.

¹ O presente artigo foi produzido no primeiro semestre de 2020 como componente da disciplina “Educação e Formação Humana” ministrada pelos professores coautores no Programa de Pós-graduação em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG.

² Mestrando em Educação e Formação Humana na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG e professor das redes pública e privada de ensino na cidade de Papagaios – Minas Gerais.

³ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e professora do Programa de Pós-graduação em Educação e Formação Humana na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG.

⁴ Doutor em Educação: História, política, sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP e professor do Programa de Pós-graduação em Educação e Formação Humana na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG.



Era algo novo, e muitos líderes mundiais, por não considerar tamanha emergência de sanitária, ignoraram o que poderia representar este momento, como o presidente do Brasil (2020) que em 24 de março de 2020 disse em um pronunciamento oficial em rede nacional, se referindo a ele mesmo: “*pelo meu histórico de atleta [...] nada sentiria ou seria, quanto muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho*”.

Passado meses após a fala do então presidente, sua decretação sobre a pandemia a COVID-19, não pode ser vista apenas como uma mera “gripezinha ou resfriadinho”, até o momento já são milhões de pessoas contaminadas e outras milhões mortas no mundo e além do cenário da saúde, a pandemia trouxe consigo questões que deixam evidente que a sociedade nos moldes atuais da economia carrega consigo a imagem clara das desigualdades, o vírus não é seletivo, mas atingiu de forma grandiosa pessoas das camadas mais pobres, e no Brasil não foi diferente e o mundo passa a debater, até que o ponto o neoliberalismo pode ainda ser viável em um cenário de catástrofe humanitária e econômica.

E uma das áreas mais atingidas pelos reflexos diretos da pandemia foi à educação, escolas fecharam pelo mundo inteiro, alunos de repente perderam o seu espaço escolar, muito perderam até mesmo a única refeição do dia e tiveram que transformar as suas casas em escolas, professores revisaram seus conceitos e práticas de ensino e se viram em meio a novos jeitos de lecionar, onde a tecnologia passou ser a principal ferramenta mediadora de ensino e aprendizado.

No Estado de Minas Gerais as aulas presenciais na rede estadual de ensino foram paralisadas pela Deliberação COVID-19 nº18 de 22 de março de 2020 que em seu Art. 2º diz: “Ficam suspensas, por tempo indeterminado, as atividades de educação escolar básica em todas as unidades da Rede Pública Estadual de Ensino”⁵. (MINAS GERAIS, 2020).

A partir da deliberação os alunos da rede estadual ficaram sem acesso a qualquer tipo de ensino e somente em maio de 2020 o Governo mineiro apresentou um plano de ensino remoto que teria como base os chamados “*Planos de Estudos Tutorados (PETs)*” acessados pelos alunos através de meios eletrônicos e aulas televisionadas pelo canal estatal Rede Minas através do programa “*Se liga na Educação*”.

⁵ MINAS GERAIS. Deliberação Covid-19 número 18 de 22 de março de 2020. Disponível em: https://www2.educacao.mg.gov.br/images/stories/2020/INSPECAO_ESCOLAR/Boletim_maior/DELIB_COVID-19_N%C2%BA_18_20.pdf. Acesso em 31 de outubro de 2020.



A situação pandêmica e de aprofundamento das desigualdades sociais sobre a égide do neoliberalismo e os reflexos da pandemia sobre o cenário educacional de Minas Gerais é o que o presente estudo analisou, levando em consideração o projeto de ensino remoto proposto pelo governo mineiro e a realidade educacional e social de alunos de uma escola estadual no município de Papagaios.

A Pandemia e o Neoliberalismo

Desde confirmação do primeiro caso da Covid-19 na província de Wuhan na China o mundo ficou apreensivo em saber que um novo vírus começava a se configurar nas sociedades e quando menos esperávamos como diz a música de Raul Seixas “*Maluco que sou, eu sonhei com o dia que a Terra parou*”, só que não era um sonho, a Terra parou e o vírus se espalhou e ganhou proporções pandêmicas o que fez com que autoridades do mundo todo tomassem como ação a paralisação das atividades e o isolamento social, era uma nova era que se formava perante os nossos olhos incrédulos em frente às mídias sociais visualizando diariamente imagens que chocavam a todos.

Um cenário catastrófico que a humanidade não vivenciava desde Segunda Guerra Mundial (1939-1945), mas que algumas lideranças, principalmente populistas de extrema-direita não tiveram o mesmo apreço pela gravidade que estava se formando, estes simplesmente acionaram o negacionismo e passaram a idealizar tudo isso como uma farsa, ou até mesmo como uma simples gripezinha que não afetaria ninguém que tivesse um histórico de atleta.

A pandemia escancarou as desigualdades no mundo promovidas pelas bases da doutrina econômica do Neoliberalismo, principalmente sobre os países em desenvolvimento como o Brasil, que viu foi sua população pobre e periférica morrer demonstrando que as ações políticas afetam diretamente a vida das pessoas e ausência de um Estado com olhar social pode levar a morte de milhares delas.

Neste sentido é importante ressaltar o que neoliberalismo deve ser entendido como uma;

(...) ideologia de exaltação do mercado se expressa através de um discurso polêmico: ela assume, no mais das vezes, a forma de uma crítica agressiva a intervenção do Estado na economia. O discurso neoliberal procurava mostrar a superioridade do mercado frente à ação estatal. (BOITO JR, 1999, p. 45)

Trazendo esta situação para o Brasil o que pensar se neste momento não tivesse a abrangência do SUS enquanto serviço universal de saúde? Seria totalmente ainda mais adversa.

Trazendo a perspectiva neoliberal para a pandemia Nunes (2020, p.2) ressalta que;



O neoliberalismo resultou numa vulnerabilização global face a choques epidêmicos como a COVID-19. Nesse contexto, a pandemia é um fenômeno político com as suas raízes no nosso passado recente neoliberal. A história da COVID-19 é feita de ações e omissões, ao longo das últimas décadas, que reduziram a capacidade dos sistemas de saúde de vigiar, conter e mitigar epidemias. Faz-se de escolhas políticas que acentuaram a desigualdade econômica, a precariedade do trabalho e o enfraquecimento de serviços públicos de assistência, o que por sua vez colocou uma parte significativa da população em situação de vulnerabilidade à doença e incapacidade de lidar com as suas consequências.

No que expressou o referido autor, corrobora para dizermos que é notório que as ações econômicas dos últimos anos geridas por políticas neoliberais eram vistas perante o discurso de recuperação da economia e retorno ao crescimento e desenvolvimento do país, como foi usado pelo atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, ao trazer para o jogo político o economista ultraliberal Paulo Guedes para coordenar todo plano econômico do seu governo construído sobre os olhares do denominado “choque liberal”.

O discurso neoliberal não é nenhuma novidade em países em desenvolvimento como o Brasil, é algo que sempre se fez presente dentro dos olhares de investimentos e exploração econômica externa, mas neste cenário de pandemia esta posição neoliberal aflora as desigualdades sociais e deixa em xeque a sua própria estruturação e até mesmo manutenção.

Dentro desta realidade Bardiou (2020) coloca que “os estados nacionais tentam enfrentar a situação epidêmica, respeitando o máximo possível mecanismo do capital, embora a natureza do risco os obrigue a modificar o estilo e as ações do poder”. Ainda de acordo com o pensador francês a “epidemia também é um momento em que a contradição entre economia e política se torna flagrante. Mesmo os países europeus não conseguiram ajustar suas políticas sobre o vírus” (BARDIOU, 2020).

O que se observa com cenários totalmente adversos é a necessidade de repensar as bases da economia capitalista, ou até mesmo a sua manutenção como se encontra, neste sentido Bardiou (2020) nos mostra que a ocasião faz com que houvesse a necessidade repensar “o retorno do estado do bem-estar, de gastos para apoiar as pessoas fora do trabalho ou para ajudar os trabalhadores independentes cujas lojas foram fechadas”.

Outro ponto importante a se pensar ante a pandemia do novo coronavírus é até que ponto voltaremos a viver dentro de uma normalidade? E que voltaremos a viver a normalidade neoliberal?

Para Prashad (2020) “não voltaremos ao normal, porque o normal era o problema no meio do novo Coronavírus, parece impossível imaginar um retorno ao mundo anterior, um mundo que desamparava antes mesmo da chegada do vírus”.



Vivemos em Estados seguidores da cartilha neoliberal, que são moldados para atender os interesses da classe econômica abastada que se vê neste momento diante de um novo embate, que é de até quando é possível manter estas estruturas que fazem do antigo normal uma ameaça para maioria da população?

O que temos que perceber é que a pandemia veio para alertar a humanidade sobre os caminhos que estava tomando, veio para demonstrar que a busca por um Estado que tenha um olhar social é fundamental para garantir a sobrevivência da maioria da população e que manter o velho normal da plutocracia só levará as sociedades a vivenciarem não apenas uma pandemia viral, mas uma pandemia catastrófica socialmente.

A Pandemia e o Ensino

A pandemia da COVID-19 trouxe um cenário problemático para diversos setores da sociedade e a educação foi uma dessas, no mundo inteiro escolas foram fechadas devido à pandemia e os alunos e profissionais da área foram pegos de surpresa e se viram de repente em uma situação totalmente nova no que tange a construção do processo ensino-aprendizagem e as dinâmicas e práticas tiveram que ser moldadas em um período curto de adaptação, era uma nova educação sendo forjada em um período de crise e emergência.

Mas nem tudo foi como pensava no campo educacional, pensar uma educação com uso da tecnologia nestes tempos só trouxe uma situação que é evidente dentro do espaço escolar da rede pública de ensino em nosso país, a disparidade social. Demonstrando que a política educacional está voltada, principalmente, para a promoção de ensino às elites condutoras (SILVA, 2003).

Uma educação que passou a ter como principal ferramenta a tecnologia só tornou a imagem da desigualdade existente mais evidente, como em praticamente todos os pontos a pandemia abalou todo um sistema socioeconômico e na educação a crise só fortaleceu algo que vem sendo configurado em nossa sociedade há tempos, descaso político com a educação. São anos que a escola pública sofre com os descasos e desmontes de sua proposta pelos governantes brasileiros que não tratam a educação como uma ação de desenvolvimento, é como disse em certo momento o professor Darcy Ribeiro “a crise na educação no Brasil não é uma crise, é um projeto”.



E este projeto de crise da educação só se avolumou com a pandemia e o cenário socioeconômico e deixou notórias as desigualdades existentes no cenário educacional como demonstra estudo do IPEA divulgado em julho de 2020 que relata o seguinte ponto;

A pandemia de Covid-19 aprofundou as desigualdades no sistema educacional brasileiro, no que se refere à infraestrutura sanitária e tecnológica. Com base em dados do Censo Escolar de 2019 sobre escolas federais, estaduais, municipais e particulares. De acordo com a pesquisa, 27% das escolas dos ensinos fundamental e médio não possuem acesso à internet e 44% de todas as escolas não são atendidas por rede pública de esgoto. (IPEA, 2020).

O que se observa com estes dados apresentados pelo IPEA é que a sociedade brasileira vive sobre a ótica das desigualdades em praticamente todos os setores da sociedade civil e na educação não seria diferente, no Brasil há um abismo social gigantesco e as ações direcionadas pelo neoliberalismo nos últimos anos só aprofundam cada vez mais este cenário.

Trazer as tecnologias e estabelecer um ensino remoto foi à solução encontrada para suprir as demandas educacionais neste tempo e como já dissemos isso é chave para visualização de um espaço educacional carregado pela égide da desigualdade. Enquanto escolas privadas se adaptaram e trouxeram o Ensino Remoto para seu processo ensino-aprendizagem poucas semanas após a indicação da OMS de uma pandemia, escolas públicas foram fechadas e os alunos foram para casa para vivenciar o isolamento social sem saber qual seria o futuro do seu aprendizado.

Esta situação de acordo Virgínio (2020) se explica da seguinte maneira:

A ausência de aulas presenciais não tem significado, pelo menos para a rede privada de ensino, em que pesem as diferenças envolvendo as distintas mantenedoras e/ou escolas, o rompimento das atividades de ensino e aprendizagem. Como remediação inicial às restrições impostas à vida escolar pelo isolamento social, o ensino privado tem lançado mão das interações pedagógicas propiciadas pelos distintos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA). Porém, o mesmo não pode ser dito das redes públicas de ensino. Elas, pelo que se sabe, atenderam ao cancelamento das aulas decretado pelas autoridades e, quando muito, têm limitado suas ações a fornecer merenda escolar às famílias de seus alunos.

Retomando então o cenário totalmente desigual, os alunos da rede pública de ensino, em especial da Escola Estadual Diogo de Castro além de ficarem por um tempo maior sem a inserção de nenhuma ação pedagógica se viram obrigados a vivenciar um cenário social cada vez mais crítico o que dificultaria a construção de um espaço de aprendizagem de maior eficiência.

Isso demonstra que a escola pública, com as características do Brasil em termos populacionais e culturais para muitos é o único espaço no qual podem realmente conceber um local de aprendizagem, é como destaca Palu (2020, p. 94) que;



É por meio da escola que muitos alunos têm oportunidade de estar em um espaço adequado para estudar. Além disso, percebemos que muitos alunos tinham acesso à rede de internet na escola e em outros espaços públicos e, com o isolamento, o pacote de dados que possuem não é suficiente para que possam ter acesso às aulas remotas com qualidade.

A falta de um espaço especificamente voltada para os estudos, com à escola, colocou o aluno da rede pública de ensino em uma situação totalmente adversa, não apenas no que demarca o desenvolvimento educacional, mas também, o afeta diretamente quando se visualiza a sua realidade social.

É importante salientar que a pandemia além de uma crise de saúde trouxe consigo elementos que abalou as estruturas sociais e econômicas de diversas famílias e segundo dados produzidos pela World Food Programme (WFP) das Nações Unidas há uma expectativa de “o número de pessoas com fome estimada para 2020 pela ONU é quase 90% maior do que as projeções antes da pandemia, que já estavam entre as piores da história”. (RIVERA, 2020).

No Brasil a extrema pobreza e a fome durante a pandemia segundo relatório produzido pela ONG Oxfam de 09 de julho de 2020 inseriu o país como o epicentro da fome no mundo, citando que;

A pandemia da covid-19 somou-se a essa combinação já tóxica de fatores, aumentando rapidamente as taxas de pobreza e fome em todo o país. As medidas de distanciamento social adotadas para conter a propagação do corona vírus e evitar o colapso do sistema público de saúde agravaram a crise econômica.

É com esta situação socioeconômica que se introduz no país o ensino remoto, onde a fome começa a se fazer presente e o ensino passava a ser visto como algo em segundo plano com uma posição social precária e uma política pública educacional baseada no desmonte que se agravou com a chegada da pandemia.

A Pandemia e o Ensino Remoto de Minas Gerais

O Estado de Minas Gerais é o segundo mais populoso do país como afirma dos dados atuais do IBGE em 2020, possui uma das maiores economias do Brasil, cheio de tradições e com uma cultura que encanta a todos é o um estado gigante com problemas da mesma proporção e isso ficou claro com a chegada da pandemia sobre o ambiente da educação.

Quando se fala no sentido educacional os dados do Censo educacional de 2018, Minas Gerais tem matriculados no seu sistema de ensino no que abrange da educação infantil até as modalidades de educação especial cerca de dois milhões de estudantes distribuídos em mais de três mil e seiscentas escolas administradas pela Secretária Estadual de Educação e com a



pandemia, esses alunos tiveram a suas aulas presenciais suspensas e esta situação sem acesso a ações pedagógicas se estendeu até o mês de maio quando o governo mineiro lançou o plano de estudos remotos denominado de Regime de Estudo não Presencial – REANP.

O plano de ensino remoto apresentado pelo governo de Minas Gerais se pauta no princípio do ensino tutorado oferecendo apostilas contendo conteúdo e atividades que estão distribuídas de acordo com a carga horária de cada disciplina que compõe a estrutura curricular da rede, todo este conteúdo se encontra nos chamados PET – Plano de Estudo Tutorado. Os PETS dividem o conteúdo curricular por semana, cada um é composto de quatro semanas e são trabalhados dentro de um mês corrente, estas atividades substituem a presença do aluno e é a garantia do aluno do cumprimento da carga horária obrigatória.

Os PETS estão disponíveis para os alunos no portal criado pelo governo mineiro “Estude em casa” além de oferecer um aplicativo para celular o “Conexão Escola” que também oferece acesso a todos os conteúdos ofertados pelo plano remoto de ensino, ou seja, há uma necessidade de ter acesso a uma conexão de internet e como já foi salientado neste estudo, este acesso é restrito e muitos alunos têm como uma única forma de obter no espaço escolar.

Além dos estudos tutorados o plano remoto de ensino de Minas Gerais também cria a possibilidade do aluno a ter acesso a aulas televisionadas pela TV estatal Rede Minas, estas aulas são gravadas e disponibilizadas na programação da emissora criada especialmente para o período da pandemia que se chama “Se Liga na Educação” transmitido diariamente seguindo o cronograma pré-estabelecido e respeitando a grade curricular proposta.

No que diz respeito às aulas do “Se Liga na Educação” se faz mais um complicador do sistema remoto de ensino, pois muitas cidades do Estado não recebem o sinal da TV estatal restringido a programação apenas uma pequena parcela do Estado, é importante salientar que o Estado de Minas Gerais possui 853 municípios e nem todos recebem o sinal da Rede Minas.

O sinal da Rede Minas antes do período da pandemia chegava com em apenas 21,2% dos municípios mineiros o que representava apenas 186 cidades, com o lançamento do Regime de Estudo não Presencial – REANP e com a criação de uma programação especial para transmissão de aulas dos conteúdos ministrados na rede estadual de ensino o governo mineiro buscou expandir o sinal da emissora passando a alcançar 31,7% das cidades mineiras, ou seja, houve um aumento de 85 cidades.

Para suprir a situação de pouco alcance da Rede Minas sobre o território mineiro as aulas também passaram a ser transmitidas por meios digitais como Youtube e pelo aplicativo



Conexão Escola, mas a tentativa de levar o ensino à maioria dos estudantes da rede esbarrou novamente na falta de acesso a conexão de internet.

É importante salientar que os alunos e responsáveis até possuem aparelhos de telefonia celular, mas falta a estes dados de conexão móvel o que não preenchi a demanda do aluno. Outro problema que há nesta situação é que em uma família muitas vezes se tem um único aparelho para diversos filhos, o que impossibilita ainda mais o acesso ao conteúdo e as aulas do plano tutorado de ensino.

Cenário que demonstra claramente o precipício social dos estudantes da rede estadual de ensino que vivem uma posição socioeconômica complicadora que dificulta a presença desses na dinâmica do ensino-aprendizagem em tempos de pandemia, afetando diretamente a sua trajetória escolar e o seu próprio futuro, pois durante este momento os alunos estão vendo a única chance de mudar a realidade da qual vive passar sobre os olhos das dificuldades que eles vivenciam.

É como salienta Borges e Silva (2020) ao perceberem a ausência de proposta de políticas públicas específicas, as classes menos favorecidas que passam a sofrer com “o grave afastamento do sistema educacional, ao contrário dos alunos de instituições particulares, cuja estrutura lhes permite certa qualidade e constância no ensino e na aprendizagem” demonstrando o aprofundamento social gerado por um sistema econômico social moldado por um ideal neoliberal.

Para demonstrar o processo de funcionamento do plano de ensino remoto de Minas Gerais e suas contradições de acesso medido pela desigualdade social que alcança um patamar expressivo dos alunos da rede, o estudo tem como campo de investigação, a estrutura da Escola Estadual Diogo de Castro, localizada na cidade de Papagaios região centro-oeste do estado.

A escola em questão é uma das mais importantes do município, fundada em 1929 foi fundamental para a formação de grande parte dos moradores da cidade ao longo dos seus 90 anos de história, hoje a escola atende preferencialmente alunos das áreas periféricas e da zona rural. São em sua predominância carentes com histórico familiar bastante desestruturado, vivem em ambiente de muita violência, drogas e pobreza. Quando chegam ao ambiente escolar estão bastante desmotivados e necessitando de atenção e carinho.

A análise sobre o desenvolvimento do REANP - Regime de Estudo não Presencial, teve como referência os alunos do turno vespertino, no qual atuo como docente de História. Na referida escola foi possível pesquisar nas turmas do Ensino Fundamental Anos Finais e ensino



médio, os dados utilizados serão os que compõem os registros de participação dos estudantes no ensino remoto consolidado pelo conselho de classe realizado pela equipe pedagógica e docentes da escola disponibilizado de maneira digital a todos os professores.

O primeiro ponto a ser analisado sobre a participação dos alunos no ensino remoto será através do acesso ao material de estudos e aulas por meio digital, ou seja, quando o aluno participou da interação realizada pelos docentes via aplicativos e sites oficiais disponibilizados pelo governo mineiro a todos os estudantes da rede, neste sentido como grupos de WhatsApp, aplicativo conexão escola e portal estude em casa.

A ideia da participação principalmente pelos grupos de WhatsApp é que os alunos tenham uma interação mais dinâmica com os professores de acordo com cronograma de horários nos quais são postados nestes todo material de estudo da semana por disciplina.

É possível verificar uma participação imensamente baixa dos alunos por turma o que demonstra a dificuldade que estes possuem no que diz respeito ao acesso a internet e a dispositivos eletrônicos que são necessários para obter todo material e aulas disponibilizadas.

A baixa participação e retorno dos alunos pelos meios digitais podem ser visualizados no gráfico abaixo onde se demonstra a concepção de todas as turmas do turno analisado.

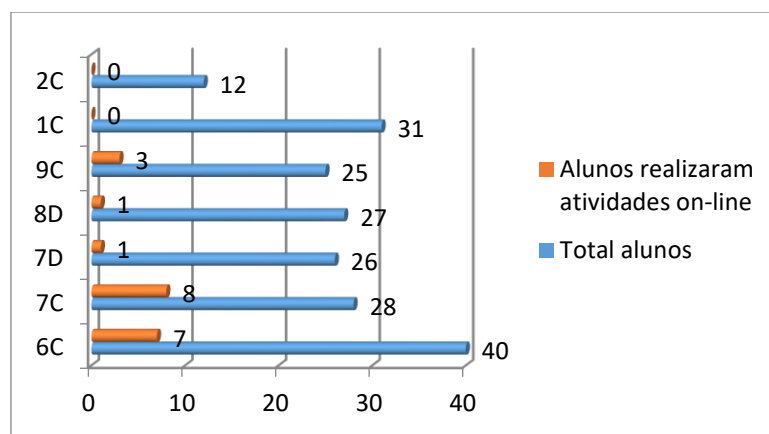


Gráfico 1 feito pelo autor do estudo

Os dados acima compõem uma dinâmica social que é abrangente e afeta a grande maioria dos estudantes brasileiros, segundo recente estudo idealizado pelo IPEA (2020) sobre o acesso ao ensino remoto no Brasil publicado na Revista Metrôpoles detalha que “6 milhões de estudantes não dispõem de acesso domiciliar a web para acompanhar as aulas. Desses, cerca de 5,8 milhões frequentam instituições públicas” é uma situação constante na atual conjuntura que a sociedade brasileira vivencia, um país que não universalizou o acesso à web se restringindo a uma parcela privilegiada da sociedade enquanto a grande maioria fica totalmente



excluída do processo ensino-aprendizagem aprofundando ainda mais a lógica da degradação social tão clara em nosso país.

Se levarmos em consideração o total de alunos do turno analisado da instituição de ensino o que vemos é que apenas 10,5% dos estudantes estão participando ativamente do ensino remoto ofertado de maneira digital, algo degradante pensando que a grande maioria são jovens oriundos de camadas sociais com baixo poder aquisitivo e que vêm na escola à única forma de terem acesso a meios digitais e a até mesmo a alimentação, pois muitos têm como única refeição do dia a merenda que é ofertada pela escola, uma lógica que molda a crueldade no formato social jogando boa parte da população em uma situação socioeconômica baseada na pobreza e na miséria e agora nestes tempos de pandemia, sem escola.

Veja o gráfico geral do turno vespertino que serviu de base para esta análise.

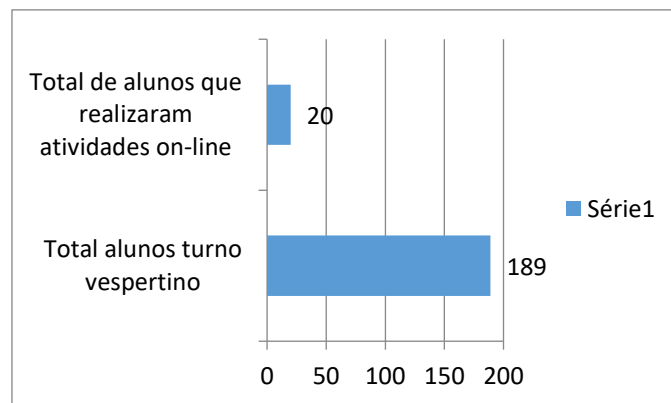


Gráfico 2 feito pelo autor do estudo

É importante salientar que com este nível baixo de participação dos alunos no processo ensino-aprendizagem no formato digital foi disponibilizado para os alunos a impressão do material pela instituição, mas o problema não muda, pois com o material em mãos estes alunos não conseguem ter acesso às aulas que irão auxiliar a realização das atividades que são fundamentais para composição da carga horária ao final do período letivo, ou seja, há o material, mas, não há meios de se estabelecer um processo que leve até o aluno as aulas que são essenciais, já que, estas aulas estão disponibilizadas ou em mídias digitais ou em canal televisivo que muitos não possuem acesso.

Em relação à impressão do material “Plano de Estudos Tutorados – PET” até o final da terceira unidade do PET, o PET 3, tinham sido impressos pela instituição 213 apostilas e repassadas para os alunos que procuraram a escola para dar continuidade aos seus estudos, mas, como demonstra o levantamento feito de retorno das atividades pelos docentes e pela própria



escola continua demonstrando uma baixa participação do aluno no processo, sendo que, apenas 30% dos PETS impressos foram reencaminhados à escola para devidas correções do material, confirmando que apenas o material em mãos não é suficiente para que o aluno desenvolva as atividades, pois, há uma necessidade de ter uma explicação do conteúdo para que haja a compreensão e o registro do conhecimento adquirido, algo que é viável apenas com acesso as aulas disponibilizadas pelos meios digitais e televisionadas já citadas.

Observe o gráfico abaixo que detalha a questão citada acima sobre realização das atividades da proposta do ensino remoto em material impresso.

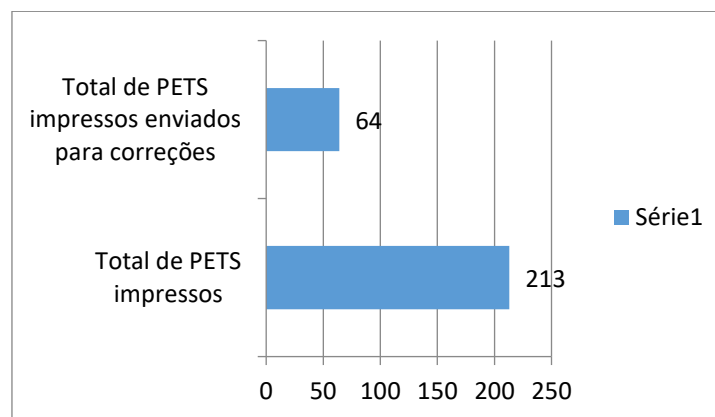


Gráfico 3 produzido pelo autor do estudo

Os dados deixam evidente o alto grau de desigualdade existente no que diz respeito integração à educação, fruto de ações políticas que cada vez mais oprime a população mais pobre do país e joga esta camada populacional a uma situação de mercê da própria sorte e ações políticas contrárias ao investimento em educação pública de qualidade, o que estão idealizando nos últimos tempos é um sistema de ensino sucateado sem condições alguma de atender a formação humana daqueles que ali estão inseridos.

E toda esta situação se torna cada vez mais deplorável com avanço de medidas de caráter neoliberal, que corta investimentos em áreas fundamentais para o desenvolvimento social do país, fato que se concretizou com a chamada PEC do Teto de Gastos, aprovada no Governo Michel Temer e nas ações que buscam ser idealizadas pelo atual governo brasileiro, chefiado na área econômica pelo ultraliberal Paulo Guedes. O avanço do neoliberalismo e a situação de pandemia só revelaram a perspectiva social que vivenciamos, marcada por uma desigualdade social cada vez mais efetiva em nossas vivências.

Considerações Finais



Quando a pandemia chegou diversas pessoas acreditavam que isso seria passageiro, principalmente aqueles que se agarraram no discurso negacionista, populista e ufanista em relação ao vírus, denominado a COVID-19 de “vírus chinês”, “gripezinha” e outras conotações totalmente fora da verdadeira condição que passaríamos a viver. Hoje o que temos sobre o enredo trágico da pandemia no Brasil em especial é milhões de pessoas contaminadas e outras milhares que perderam a vida e é este o prognóstico que ficará marcado na história daqueles que negaram este momento tão crucial da humanidade.

Com a pandemia ficou notório que a sociedade brasileira vem sendo totalmente degrada pelos seus últimos governantes ao trazerem consigo os ideias do neoliberalismo e fazerem deste discurso de “choque liberal” uma forma de conduzir a sociedade a uma posição social marcada profundamente pelas mazelas sociais fruto das ações de austeridade de contenção de investimentos em serviços e políticas públicas que alcançam a maioria da população e que são essenciais para que estes tenham condições sobreviverem dignamente.

O que temos atualmente é um país que mergulha em uma crise sem precedentes com o retorno da fome, o aumento das desigualdades, uma alta taxa de desemprego, pequenas e médias empresas falindo tudo isso sobre os olhares de um governo que se abstém e ignora os fatos seguindo um mero discurso fundamentalista criado para inflamar os seus defensores mais fiéis.

É em face desta realidade que trazemos todas estas questões socioeconômicas para a educação que em tempos de pandemia também passou por um processo de reestruturação, sendo ofertada de forma remota aos estudantes das diversas redes de ensino que se fazem presente em nosso território.

Podemos visualizar com este estudo no que tange a situação educacional da pandemia, no Estado de Minas Gerais, em especial, na Escola Estadual Diogo de Castro é a continuidade do cenário de imensas desigualdades criadas pelo neoliberalismo, pois ao analisar o formato e ações do programa de ensino remoto criado pelo governo mineiro, chefiado pelo governador, Romeu Zema (NOVO), percebe-se que este mapeia ainda mais esta situação social ultrajante que se faz pertinente em nossa sociedade, pois o modelo de ensino remoto instituído cria um distanciamento do aluno com a sua perspectiva de ensino-aprendizagem devido às ferramentas e formas de acesso ao conteúdo do ensino, que praticamente é moldado para ser um ensino digital onde a maioria dos alunos não possuem estes meios digitais para darem continuidade aos seus estudos.



Tendo como base uma escola de uma cidade do interior do estado com cerca de 200 alunos em um determinado turno, se torna perceptível todo este panorama social marcado pelas mazelas sociais, criando assim, uma situação na qual há uma baixa adesão dos alunos na modalidade do ensino remoto devido dificuldades de conseguirem acesso aos meios digitais, pela falta de equipamentos e de um suporte que lhes garantam uma conectividade as mídias ofertadas pelo REANP - Regime de Estudo não Presencial.

Este cenário criará uma situação totalmente adversa para esta geração que neste momento se encontram sem condições de estudar por causa da condição social na qual vivem fato que irá aprofundar ainda mais a situação de pobreza sobre as suas realidades.

O vírus será controlado e a pandemia vai passar, e todos nós teremos a condição de repensar nossas condutas e nossas formas de pensar o mundo, talvez seja o momento de pensarmos mais além e passarmos a reivindicarmos um sistema de ensino público que não seja apenas para aqueles que são vistos como indivíduos à margem da sociedade, mas sim idealizar um ensino público que garanta a estes as mesmas condições de ensino do que aqueles que podem pagar as instituições privadas, não podemos jamais esquecer que, o acesso à educação é um bem constitucional de 1988 que em seu artigo 205 diz que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

REFERÊNCIAS

BADIOU, Alin. **A única lição que a covid pode ensinar**. Disponível em: <http://navegacoesnasfronteirasdopensamento.blogspot.com/2020/04/alain-badiou-unica-licao-que-covid-pode.html>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

BOITO JR, Armando. **Política Neoliberal e Sindicalismo no Brasil**. Ed. Xamã, São Paulo, 1999.

BORGES, S. S. H; SILVA, V. L. Um olhar para a desigualdade escolar em tempos de pandemia. **Carta Capital**, 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/um-olhar-para-a-desigualdade-escolar-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 02 de novembro de 2020.

Brasil é epicentro emergente de fome extrema na pandemia, diz relatório. **Portal UOL**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/07/09/brasil->



[e-epicentro-emergente-de-fome-extrema-na-pandemia-diz-relatorio.htm](https://www.ufmt.br/revista-pedagogia/revista-pedagogia-e-epicentro-emergente-de-fome-extrema-na-pandemia-diz-relatorio.htm). Acesso em: 31 de outubro de 2020.

IPEA. **Pandemia amplia desigualdade no sistema educacional**. 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36069. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

MINAS GERAIS. **Deliberação Covid-19 número 18 de 22 de março de 2020**. Disponível em: https://www2.educacao.mg.gov.br/images/stories/2020/INSPECAO_ESCOLAR/Boletim_maior/DELIB_COVID-19_N%C2%BA_18_20.pdf. Acesso em 31 de outubro de 2020.

NUNES, João. A pandemia de Covid-19: securitização, crise neoliberal e a vulnerabilização global. **Revista Cad. Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, p. 1-4, 2020.

PALU, Janete. A crise do capitalismo, a pandemia e a educação pública brasileira: reflexões e percepções. IN; MAYER, L. et al. (org). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Ed. Ilustração: Cruz Alta, 2020.

PRASHAD, Vijay. **Não voltaremos ao normal porque o normal era o problema**. Disponível em: <http://navegacoesnasfronteirasdopensamento.blogspot.com/2020/04/nao-voltaremos-ao-normal-porque-o.html>. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

RIVERA, Carolina. O coronavírus pode levar o mundo à outra “pandemia”: o aumento da fome. **Exame**, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://exame.com/mundo/o-coronavirus-pode-levar-o-mundo-a-outra-pandemia-o-aumento-da-fome/#:~:text=A%20fome%20no%20mundo%20deve,intensificou%20a%20disputa%20por%20comida&text=O%20n%C3%BAmero%20de%20pessoas%20com%20fome%20estimado%20para%202020%20pela,entre%20as%20piores%20da%20hist%C3%B3ria>. Acesso em: 31 de outubro de 2020.

SILVA, M. A. Do projeto político do Banco Mundial ao projeto político-pedagógico da escola pública brasileira. **Caderno Cedes, Campinas**, v. 23, n.61, p.283-301, dezembro 2003.

VERBICARO, L. P. Pandemia e o colapso do neoliberalismo. **Voluntas: Revista internacional de filosofia**, Santa Maria,, v. 11, p. 1-9, 2020.

VIRGINIO, A. S. **Educação, desigualdade e covid-19**. Departamento sociologia da UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/educacao-desigualdade-e-covid-19>. Acesso em: 02 de novembro de 2020.